

[Digite aqui]

ANÁLISE DA VIOLÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DE BAIROS DE CLASSES SOCIAIS A, B, C NO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO, RS

Arlindo Weber de Oliveira

Paulo Roberto Fitz

RESUMO

Diante de uma sociedade juvenilizada, em que os valores e atitudes éticas vêm se perdendo a cada dia, a escola tende a assumir cada vez mais papéis. Instruir, orientar e formar crianças e jovens a viver e trabalhar em um mundo diversificado e em constante mudança sempre foram suas principais funções. No entanto, estas vêm sendo ofuscadas pelos diversos tipos de violência ocorrentes nesses locais. Diante desse problema, estudos relacionados ao tema são importantes para apurar eventos e promover a sensibilização da comunidade escolar, de famílias e de entidades diversas. Com esse intuito desenvolveu-se o presente trabalho, o qual busca analisar, através de dados estatísticos, a relação existente entre violência e classe social em determinadas escolas da rede de ensino pertencentes ao município de São Leopoldo, RS. O estudo procurou verificar também a incidência de alunos vítimas do *bullying* e a percepção da comunidade frente à segurança pública. Os dados foram coletados a partir de um questionário pré-elaborado aplicado em turmas de terceiro ano do ensino médio pertencentes a seis escolas da rede municipal, entre elas quatro públicas e duas privadas. Foram escolhidas duas instituições por bairro, nas diferentes classes sociais (A, B e C). A análise indicou que a violência e o preconceito sofrido por alunos (*bullying*) estão presentes em todas as escolas da rede de ensino público e privado no município, independentemente da classe social na qual estão inseridas.

Palavras-chave: Violência nas escolas. *Bullying*. Classes sociais.

ABSTRACT

Facing a young society where values and ethical attitudes are being lost every day, the school tends to take more roles. Instruct, guide and train children and young people to live and work in a diverse world and constantly changing always been its main functions. However, these has been obscured by the different types of violence occurring there. In view of this problem,

studies related to the subject are important to determine events and raise awareness of the school community, families and several entities. With this purpose it was developed the present study, which aims to analyze, through statistical data, the relationship between violence and social class in some schools of São Leopoldo, RS. The study sought to verify the impact of students victims of bullying and the perception of the community ahead of public safety. Data were collected from a questionnaire applied in pre-established groups of third year of high school from six schools in the city, including four public and two private. Two institutions were chosen by district, in different social classes (A, B and C). The analysis indicated that violence and prejudice suffered by students (bullying) are present in all schools in the network of public and private schools in the municipality, regardless of social class in which they are embedded.

Key-words: Violence in schools. Bullying. Social classes

1 INTRODUÇÃO

Violência e criminalidade são palavras que estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas acarretando medo e insegurança. Mesmo que estas questões estejam presentes na história da humanidade, não se deve aceitar estas condições como sendo inerentes ao ser humano e à sua organização social. Como sustentam Dahlberg e Krug, pode-se prevenir a violência, uma vez que os

fatores responsáveis por reações violentas, quer sejam derivados de atitudes e comportamentos ou de condições sociais, econômicas, políticas e culturais mais amplas, podem ser modificados. (DAHLBERG; KRUG, 2002, p. 1164).

Entretanto, para que se possa entender melhor a questão, faz-se necessária uma pequena alusão ao que se concebe como sendo “violência”. A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua a violência como sendo o:

Uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra outra pessoa ou contra si próprio ou contra outro grupo de pessoas que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS, 2010)

Como se pode verificar, o conceito da OMS trabalha inicialmente a questão do uso de força física ou do poder na geração de um ato violento. Assim sendo, são incluídas, além dos

óbvios ataques físicos, ações de ameaça e intimidação contra o oprimido. Até mesmo questões relacionadas à omissão e à negligência por parte daqueles que poderiam interferir podem ser consideradas atos violentos.

Seja como for, o conceito da OMS associa a questão da intencionalidade com a realização do ato, independentemente dos resultados derivados. Neste sentido não são considerados os incidentes não intencionais, tais como os decorrentes de certos acidentes de trânsito, por exemplo.

Como pode ser depreendido, o fenômeno da violência é bastante complexo. Trata-se de um problema que não possui uma causa única, mas razões variadas. Além disso, a violência não possui locais definidos para sua ocorrência, o que pode ser constatado nas notícias que diariamente são publicadas nos jornais pelo mundo inteiro. Segundo Chesnais (1997), seis fatores contribuem para o aumento da violência no Brasil:

- fatores sócio-econômicos, oriundos da desigualdade e vulnerabilidade social;
- fatores institucionais, relacionados à insuficiência do estado, crise dos modelos familiares e recuo do poder da igreja;
- fatores culturais, como problemas de origem histórica, conflitos étnico-raciais e de desordem moral;
- demografia urbana, devido ao crescimento das taxas de natalidade e expansão urbana desordenada causando grandes aglomerados urbanos;
- poder da mídia, que ao enfatizar notícias sobre violência, acaba influenciando a percepção do cidadão; e, por fim,
- a globalização mundial, através da disseminação do crime organizado.

Infelizmente, a violência cada vez mais faz parte do nosso dia a dia, o que pode ser constatado em todos os meios de comunicação. Rodrigues afirma que:

A violência é contemporânea do homem. Filósofos, cientistas políticos, sociólogos e psicólogos têm se dedicado ao estudo do comportamento agressivo e violento entre os homens, mas resultados desanimadores têm sido obtidos no que concerne à prescrição de meios capazes de evitar, ou ao menos diminuir, a agressividade humana. (RODRIGUES, 1996, p. 363)

Estudos afirmam que a violência pode ser caracterizada de acordo com diferentes variáveis relacionadas:

- às vítimas (crianças, mulheres, idosos, etc.);
- aos agentes (gangues, jovens, policiais, etc.);

- à natureza da ação (física ou psicológica);
- à motivação (política, social, econômica, racial, etc.);
- ao local de ocorrência (urbano ou rural); e
- à relação entre a vítima e o agente (violência familiar, entre conhecidos ou desconhecidos).

Os impactos da violência trazem danos sociais e políticos que podem ser mensurados a partir da transmissão de violência entre gerações, redução da qualidade de vida e comprometimento do processo demográfico. Não há soluções estabelecidas para prevenção e controle da violência, mas existem diversas propostas. Entre as propostas de prevenção, pode-se relacionar a questão da redução da pobreza e da melhoria na área da educação. Já como medidas de controle, muitos defendem uma maior quantidade e disponibilidade de recursos policiais e mais vagas no sistema prisional.

Considerada como fenômeno multidisciplinar, a violência necessita de diferentes forças governamentais e sociais para promover fatores de prevenção e controle. Conforme Rosa,

segurança é um bem fundamental para as pessoas, para o país e uma das principais obrigações do Estado para com o cidadão, uma vez que ter segurança significa viver sem estar sob risco de sofrer uma violação de sua propriedade, de sua integridade física, de sua liberdade ou de sua vida. O convívio em sociedade só é possível quando cada indivíduo tenha um mínimo de segurança que lhe permita trabalhar, estudar, consumir, aprimorar-se e divertir-se, em casa ou na rua, sem que esteja sob risco de ser agredido ou lesado. (ROSA, 2009, p. 08)

Fatores diversos como a precariedade dos serviços públicos e da qualidade de vida, unidos à falta de oportunidades, emprego e lazer, além das escassas perspectivas de mobilidade social, entre outros, são motivadores de ações violentas. Tal conjuntura motivou a realização deste trabalho, o qual buscou estudar os mecanismos de violência no âmbito escolar, uma vez que, como colocado anteriormente, este tema está ligado à educação e perpassa pelos bancos escolares. Destarte, como educadores, também é de nossa responsabilidade desestimular práticas que possam incitar a violência.

Assim sendo, este trabalho procurou analisar uma possível relação entre violência e classes sociais em escolas da rede de ensino do município de São Leopoldo, RS. Além disto, procurou-se verificar a incidência de alunos vítimas de *bullying*, bem como a percepção da comunidade frente à segurança pública em geral.

1.1 Contextualização do tema

Nos últimos anos o Brasil passou a ser associado ao fenômeno do crime e da violência, tanto interna quanto externamente. Tal fato é constatado através da mídia que veicula matérias mostrando rebeliões, conflitos diversos envolvendo meliantes, policiais, movimentos sociais, etc. O Estado do Rio Grande do Sul, o mais meridional do país, também apresenta altos índices de violência, especialmente nas proximidades de sua capital, a região metropolitana de Porto Alegre (RMPA).

O município de São Leopoldo, foco deste trabalho, pertence à RMPA, dista pouco mais de trinta quilômetros da capital e vem sendo retratado pela mídia como um dos mais violentos do Estado. O incremento populacional do município nas últimas décadas, um possível gerador de violência, resulta, principalmente, de migrações alavancadas por baixos preços da terra, pelas facilidades de emprego nas áreas de expansão econômica, pela interligação das malhas urbanas e por processos emancipatórios em períodos relativamente recentes (BRUNET et al., 2007). Nos últimos anos, o município tem experimentado um expressivo crescimento da pobreza e do desemprego, além de um expressivo aumento dos índices gerais de violência (HENNINGTON, 2008).

Conforme informado no site da Prefeitura Municipal, São Leopoldo foi fundado em 1824 e é o berço da colonização alemã no Brasil. Os primeiros imigrantes chegaram a Porto Alegre, capital da província de São Pedro do Rio Grande, em 18 de julho de 1824. Logo depois, foram enviados para a desativada Feitoria do Linho Cânhamo, um estabelecimento agrícola do governo, que não dera resultados. Esta feitoria localizava-se à margem esquerda do Rio dos Sinos que banha a região. (PMSL, 2012)

São Leopoldo contava, conforme o censo de 2010, com uma população de 214.087 habitantes, distribuídos em uma área de 102,739 km² (IBGE, 2012). De acordo com a Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação, o município é composto por 24 bairros que possuem distintas características de desenvolvimento. São Leopoldo segue uma urbanização segmentada conforme apontam o Plano Diretor Municipal, o Zoneamento Específico para as zonas, bem como a Planta de Valores Venais para cobrança de IPTU (PMSL- SEPLAN, 2012).

Este regramento fez com que os bairros começassem a ter características próprias. A divisão provocada pelo Rio dos Sinos (zona sul e zona norte) colaborou para a análise

realizada em função de uma classificação por camada social (alta, média, baixa e de interesse social). O núcleo central possui o metro quadrado mais caro do município na planta de valor venal, possuindo uma característica comercial mais acentuada. Os bairros do entorno (Morro do Espelho, Padre Réus, Cristo Rei) são bairros com características residenciais de classe alta. Os bairros Jardim América, Santa Tereza, Duque de Caxias, Fazenda São Borja, Rio Branco, Pinheiro, Campestre, formados a partir dos corredores de desenvolvimento, ou seja, das principais avenidas comerciais, constituem-se como bairros mistos de classe média, com residências, indústrias e comércios. Já o bairro Feitoria, também caracterizado como zoneamento misto, possui áreas de interesse social destinadas às classes sociais mais baixas.

Outra particularidade observada é a divisão do município pelas rodovias BR 116 e RS 240. Na zona oeste, separados pela BR 116, situam-se os bairros São João Batista, Vicentina e São Miguel. O primeiro caracteriza-se por ser constituído por uma zona mista onde vivem famílias de classe predominante média/baixa, comportando indústrias de grande e médio porte, residências e pequenos comércios. Os demais bairros possuem uma característica mais residencial, contemplando, também, áreas especiais de interesse social passíveis de regularização fundiária.

Na zona norte, o regramento se dá a partir do bairro Scharlau. A partir deste bairro, suas adjacências evoluíram de acordo com sua localização. O bairro Arroio da Manteiga possui características residenciais, comerciais, industriais, contendo também áreas especiais de interesse social. O bairro Campina possui a mesma característica, assim como os bairros Rio dos Sinos e Santos Dumont, todos com históricos de enchentes e alagamentos por estarem situados abaixo da cota de inundação. Na zona noroeste encontra-se o bairro Boa Vista, que possui loteamentos a partir de RS 240, com características industriais e comerciais até uma zona residencial mais seletiva junto à divisa com o município de Novo Hamburgo. Esta região igualmente apresenta uma zona de áreas especiais de interesse social ligada ao bairro Boa Saúde, hoje pertencente ao município vizinho, com grandes vazios urbanos a serem ocupados.

1.2 As escolas e o município

São Leopoldo pertence à 2ª Coordenadoria Regional de Educação. Conforme a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, em 2010 existiam 132 escolas no município, sendo 43 particulares, 27 estaduais, 62 municipais e uma universidade. Ainda, de acordo com

a Secretaria, em 2008, foram realizadas 7.423 matrículas na rede escolar de ensino médio, sendo 6.423 na rede pública estadual e 1.000 em escolas particulares (SEC, 2012a). O corpo docente deste nível de ensino é composto por um total de 499 professores, sendo 358 docentes vinculados a escolas públicas estaduais e 141 a escolas privadas (SEC, 2012b).

1.3 A realidade da escola na sociedade atual

Vivemos em uma sociedade na qual valores e atitudes éticas vêm perdendo espaço a cada dia. Neste contexto, a escola tende a assumir determinados papéis outrora dedicados à família. Cunha (2010) dispõe que

Se antes a função da escola era instruir e a função da família era educar, hoje essa 'divisão do trabalho' educativo vai ganhando novos contornos. Talvez o maior desafio presente nesta relação diga respeito à proporção que a escola adquire em nossa sociedade. (CUNHA, 2010, p. 640)

Mais adiante, a autora salienta, ainda, o fato de que a partir da idade moderna há uma nova identificação das famílias para com a escola, onde esta ganha

uma centralidade e o reconhecimento de que é, por excelência, um espaço de sociabilidade que ultrapassa as fronteiras de classe social e que não é apenas um espaço de aprendizagem cognitiva, dos conteúdos curriculares. A criança aprende na escola também regras, normas e valores que serão importantes para o seu futuro papel de adulto. Todos, de alguma forma, têm algo a esperar da escola. (CUNHA, 2010, p. 640)

A escola tem, portanto, uma função primordial: a de instruir, orientar e formar crianças e jovens a viver e trabalhar em um mundo diversificado e em constante mudança. No entanto, tal papel vem sendo ofuscado pelos diversos tipos de violência ocorrentes nesses ambientes.

Rebés (2000) aponta ao fato de que a escola é reconhecida como espaço propício à violência. Os atos de violência atingem tanto escolas públicas quanto particulares, acarretando consequências à sociedade, tornando todos os indivíduos inseguros diante da violência. Conforme o autor, os

atos de vandalismo, o uso de drogas, as brigas entre colegas, as trocas de tiros, os espancamentos, as ameaças e, até mesmo, mortes prejudicam o presente e o futuro da escola, evidenciando um desejo de destruição. Ir à escola, atualmente, resulta em medo e intranquilidade. O próprio Estado há muito tempo, não tem garantido acesso à escola pública para todos, o que desencadeia novas modalidades de exclusão social pelos mecanismos de seleção que o sistema educativo oferece. Como consequência, a escola se torna um dos alvos das várias manifestações de violência, interna e externa. Esse conjunto de situações oportunizou a realização de estudos, pesquisas e reflexões, com o objetivo e o desejo de encontrar o equilíbrio na vida da sociedade e da instituição escolar. (REBÉS, 2000, p. 03)

O comportamento agressivo é fruto da estrutura de nossa sociedade e pode se manifestar tanto na vida familiar quanto na escolar. A educação oferecida pela família desempenha relevante papel na formação de uma personalidade mais ou menos agressiva, desenvolvendo diferentes tipos de comportamento. Trata-se de um momento em que as necessidades, os interesses, as curiosidades e os comportamentos dos jovens entram em choque com os valores sistematizados da sociedade.

Discussões que envolvem violência, delinquência juvenil, drogas, etc., afligem pais e educadores. Nesse contexto, Rodrigues afirma que:

Os processos tradicionais de aprendizagem (condicionamento clássico e operante) explicam grande parte dos comportamentos agressivos exibidos pelas pessoas. De fato, se uma criança consegue o que quer através da manifestação do comportamento agressivo, é provável que este comportamento tenda a repetir-se com mais frequência nessa criança do que em outra cujo comportamento agressivo não surtiu o efeito desejado. (RODRIGUES, 1996, p. 371)

É importante salientar que, no ambiente escolar, além dos conceitos e da memorização conferidos pelos educadores, encontra-se um homem e seu viver. Abordando a contribuição de Vygotsky para o ensino de Geografia, Cavalcanti apresenta que

o desenvolvimento do pensamento conceitual, entendendo que ele permite uma mudança na relação cognitiva do homem com o mundo, é função da escola e contribui para a consciência reflexiva do aluno (CAVALCANTI, 2005, p. 196).

Estas considerações fazem-se presentes na medida em que a formação de um pensamento reflexivo permite problematizar questões sobre a organização do espaço, causas sociais, políticas e econômicas que geram desigualdades entre os homens. Em qualquer situação que viva, o ser humano tem sempre presente o seu contexto social, sendo este de fundamental importância para sua integração. A importância destas discussões perpassa pelos bancos escolares, em especial por disciplinas das áreas humanas, como a Geografia. Cabe ao educador trabalhar estas questões em sala de aula para estimular uma afável conduta social dos estudantes, uma vez que a integração social do indivíduo está ligada à sua vida escolar e esta ao seu convívio familiar. Uma quebra deste relacionamento pode gerar ações violentas.

Destarte, deve-se evitar que o ambiente escolar torne-se um lugar de tédio, de desânimo, de desconforto e, muitas vezes, de autoritarismo, o que pode gerar atos de violência. Faz-se oportuno apresentar as considerações tecidas por Santos, com relação às aulas de Geografia na escola:

Por parte de muitos alunos, a escola representa o lugar em que as horas não são medidas pelo tempo do relógio, porque o tempo não passa, os minutos congelam nas aulas petrificadas de uma geografia decorativa alheia à realidade e que conta o mundo sob o olhar fragmentário de partes e gavetas que pouco se comunicam (SANTOS, 2011, p. 60).

Situações como a descrita pela autora são comuns à quase totalidade das escolas. Tais condições podem influenciar, direta ou indiretamente, a prática da violência no meio escolar.

1.4 O Bullying

Bullying é uma palavra de origem inglesa adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão (Fante e Pedra, 2008). *Bully* pode ser traduzido como valentão, brigão, tirano. Como verbo, *bully*, significa tiranizar, amedrontar, brutalizar, oprimir. O substantivo *bullying* descreve, por conseguinte, o conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz de se defender.

O *bullying* é uma forma de violência que resulta em sérios prejuízos, não apenas ao ambiente escolar, mas a toda a sociedade, pelas atitudes de seus membros. Está diretamente relacionado à formação de gangues, ao uso de drogas e de armas, à violência doméstica e sexual, aos crimes contra o patrimônio e, conseqüentemente, à necessidade de altos investimentos governamentais para atender a demandas da justiça, dos presídios, dos programas sociais, da saúde e, é claro, da educação.

Trabalhando especificamente esta questão, Fante e Pedra (2008) apontam para uma série de ações que podem ser compreendidas como atos de *bullying*. Apelidar, ofender, zoar, sacanear, humilhar, intimidar, encarar, constranger, discriminar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, excluir, isolar, ignorar, perseguir, chantagear, ameaçar, difamar, insinuar, agredir, bater, chutar, empurrar, derrubar, quebrar, furtar ou roubar pertences são considerados atos de *bullying*. Como se pode deduzir, tais ações são bastante comuns no meio escolar.

Alguns fatores propiciam o *bullying*, com sua banalização e legitimização. Atitudes culturais como o desrespeito, a intolerância, a desconsideração ao “diferente”, a hierarquização nas relações de poder estabelecidas em detrimento da fraqueza de outros, o desejo de popularidade e a manutenção do status a qualquer preço traduzem esta condição. (FANTE E PEDRA, 2008).

Cabe colocar, outrossim, que certos “professores” também praticam *bullying* contra seus alunos. Muitos estudantes são perseguidos, intimidados, ridicularizados, coagidos e

acuados, inclusive em sala de aula. Ocorrências como estas geram sensação de impotência e prejudicam o rendimento escolar, promovendo uma desmotivação para o estudo não só da vítima específica como de outros estudantes. Estas situações podem provocar, também, reações violentas.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Como fora posto, este trabalho procurou analisar uma possível relação entre violência e classes sociais em escolas da rede de ensino do município de São Leopoldo. Além disto, procurou-se verificar a incidência de alunos vítimas de *bullying*, bem como a percepção da comunidade frente à segurança pública no geral.

Para isto, utilizou-se uma metodologia baseada na coleta de dados em escolas distribuídas aleatoriamente em quatro bairros do município de São Leopoldo. Foram escolhidas duas escolas em cada um dos bairros de classes “A” (alta), “B” (média) e “C” (baixa) selecionados. Procurou-se selecionar uma escola pública e outra privada por bairro. Entretanto, como no bairro de classe social “C” não existem escolas privadas, foram escolhidas duas escolas públicas.

O mapa a seguir (figura 1) apresenta a distribuição das escolas selecionadas no município de São Leopoldo. O ponto 1 na figura representa a escola pública 1 localizada no bairro de classe social “C”; o ponto 2 representa a escola privada localizada no bairro de classe social “A”; o ponto 3 representa a escola pública localizada no bairro de classe social “A”; o ponto 4 representa a escola pública 2 localizada no bairro de classe social “C”; o ponto 5 representa a escola privada localizada no bairro de classe social “B” e o ponto 6 representa a escola pública localizada no bairro de classe social “B”.

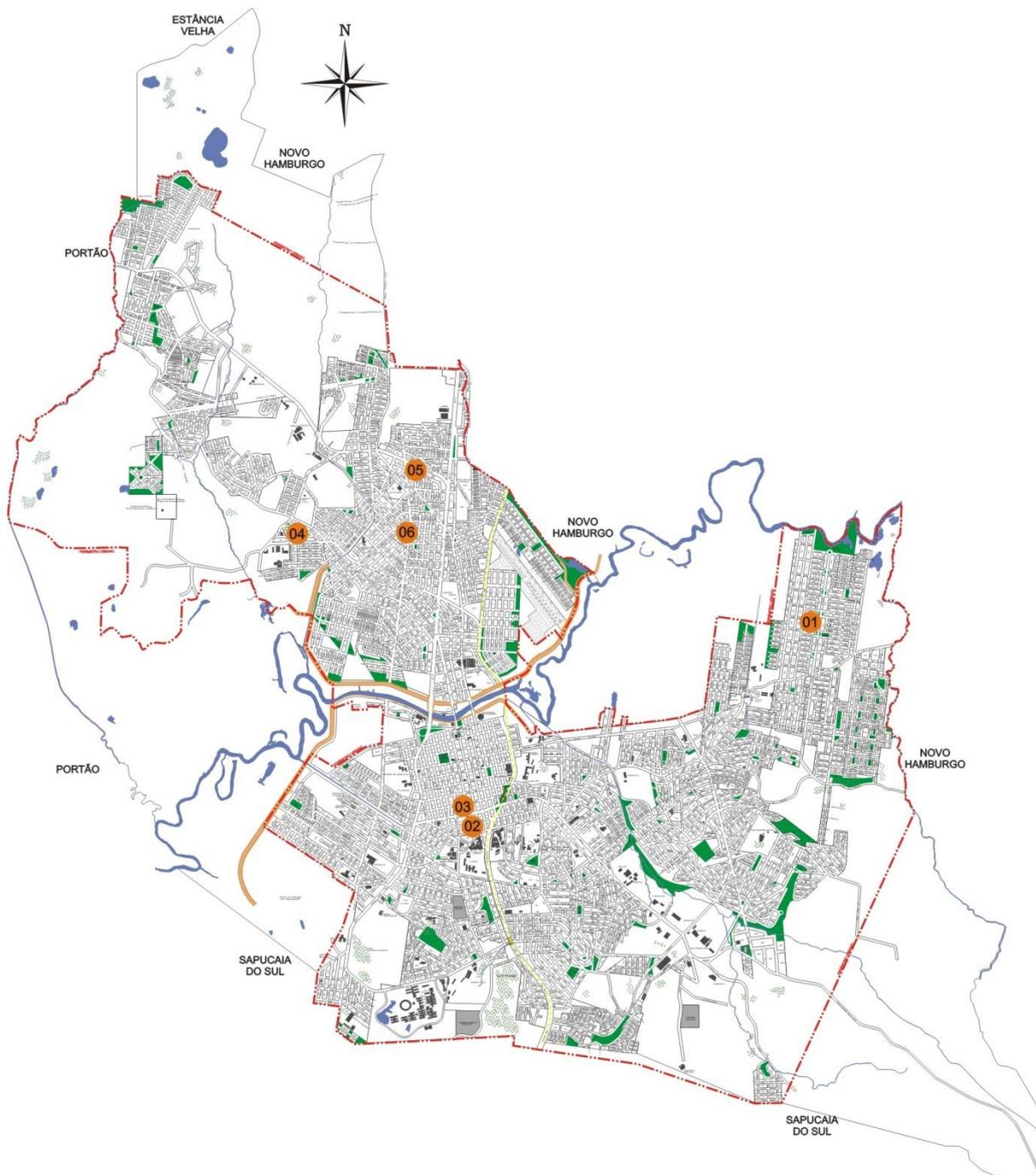


Figura 1 – Localização das escolas no município

Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento, 2010.

Após a seleção das escolas, foram confeccionadas perguntas que abordavam temas relacionados à violência, ao preconceito e à segurança pública. Foram tecidas as seguintes indagações:

- Você já presenciou alguma forma de violência em sua escola? Que tipo?

- Você já sofreu algum tipo de preconceito na sua escola?
- Você já sofreu algum tipo de ameaça na escola? Por quem?
- Você já viu alguém armado na escola?
- Você se sente seguro no caminho para a escola?
- Você se sente seguro na sua escola?
- Como você considera o policiamento nas proximidades de sua escola?
- Você confia na polícia?

Estas questões, com algumas adequações, formaram um questionário aplicado em turmas do terceiro ano do ensino médio de cada uma das escolas, em diferentes turnos (diurno/noturno). O número de alunos variou de 22 a 34 por sala. Conforme solicitação das escolas participantes da pesquisa, os nomes das instituições não foram divulgados.

Após a aplicação dos questionários, os dados coletados foram organizados em tabelas para serem convertidos em gráficos. A partir daí, os dados foram analisados com base na sua distribuição espacial.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados obtidos através da análise dos questionários evidenciaram que os alunos de todas as escolas, independentemente de classe social ou do fato de ser pública ou privada, já presenciaram alguma forma de violência. A maior incidência ocorreu na escola privada do bairro de classe social “A”, onde todos os alunos confessaram já terem testemunhado algum tipo de violência, conforme pode ser verificado pela Figura 2.

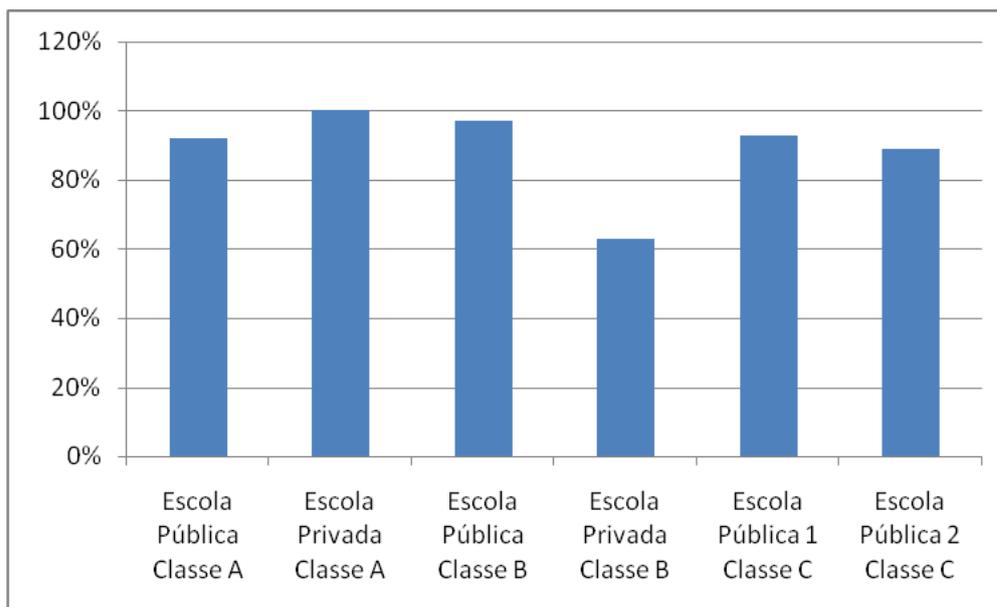


Figura 2 – Percentual de escolas que já presenciaram alguma forma de violência.

Fonte: Autoria própria, 2010.

Em relação à forma de violência, de acordo com os resultados mostrados pela Figura 3, tem-se que “briga entre alunos” foi a mais frequente, seguida por “briga de alunos com pessoas de fora da escola”, ambas ocorrendo em todas as escolas. Outro tipo de violência presente em todas as escolas foi a “briga entre torcidas organizadas”. Na escola privada de classe “B”, os alunos citaram apenas duas formas de violência por eles presenciadas: “briga entre alunos” e “briga de alunos com pessoas de fora da escola”.

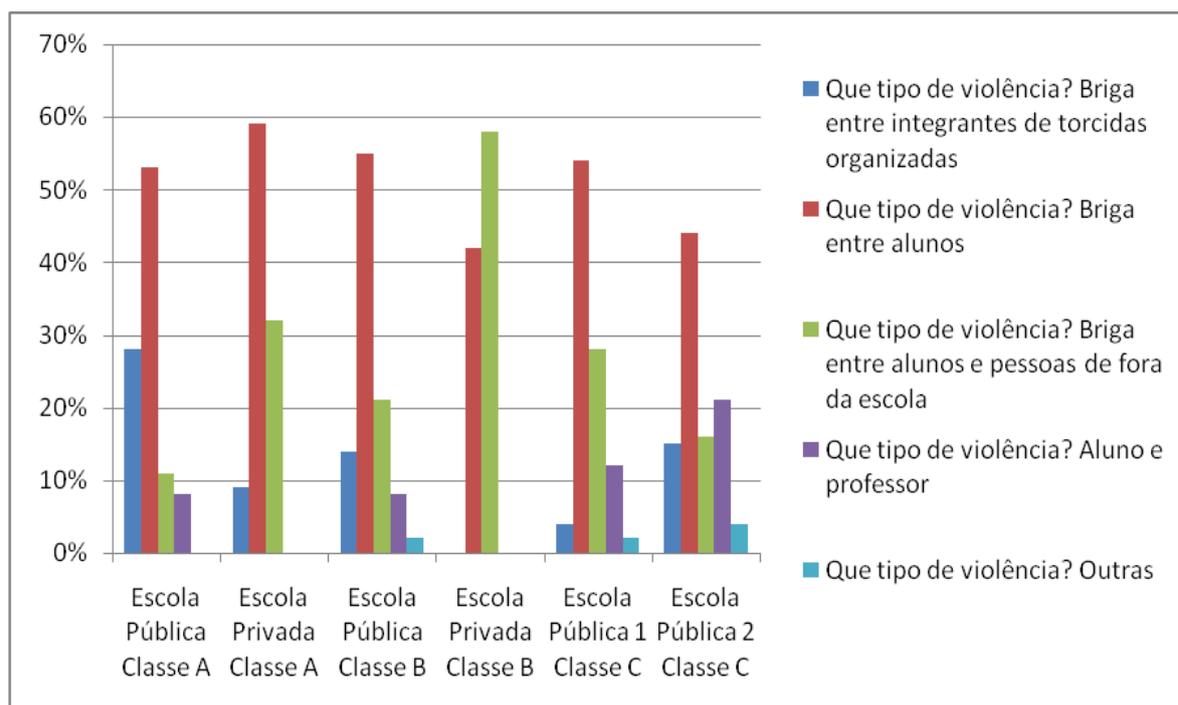


Figura 3 – Percentual de tipos de violência citados por alunos.

Fonte: Autoria própria, 2010.

Observou-se, também, a ausência de “briga entre alunos e professores” em escolas privadas, ao contrário do que ocorre nas escolas públicas (Figura 3). Formas diversas de violência citadas por alunos dizem respeito a brigas envolvendo funcionários, pais, assim como um fato inusitado ocorrido em uma das escolas públicas de classe social “C”: um roubo, cuja vítima, um aluno, acabou ferido por disparo de arma de fogo em frente à escola. Este fato foi relatado por um dos alunos durante a aplicação do questionário na turma.

Posteriormente foi perguntado aos alunos se os mesmos já haviam sido vítimas de algum tipo de preconceito na escola, tanto por parte de professor ou colega. Todos os alunos, nas diferentes escolas públicas e privadas em todas as classes sociais, já sofreram algum tipo de preconceito. A Figura 4 retrata esta condição.

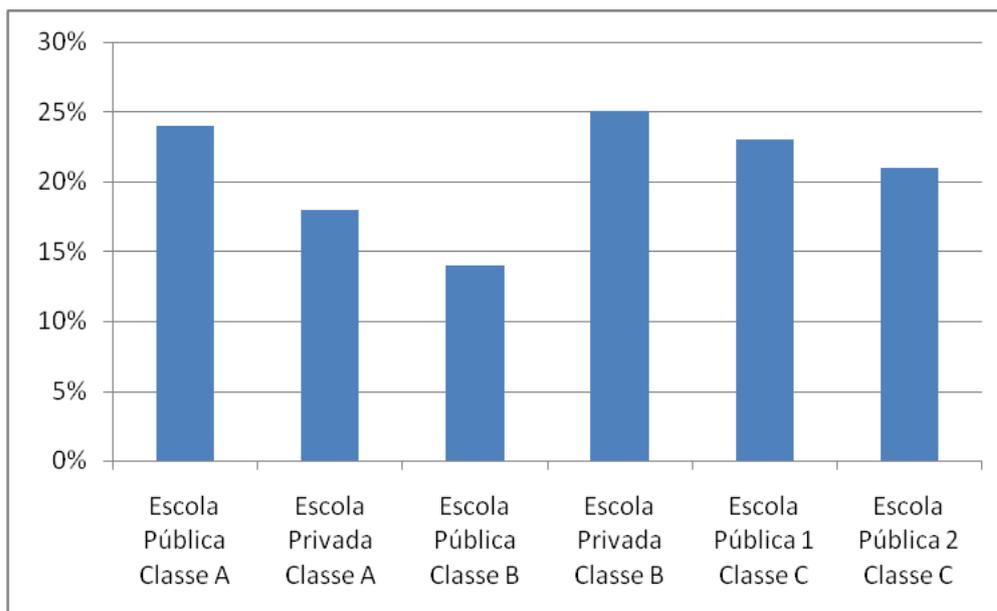


Figura 4 – Percentual de vítimas de preconceito.

Fonte: Autoria própria, 2010.

É importante destacar que, quando do questionamento feito aos alunos sobre o sofrimento de ameaças, todos os alunos afirmaram já terem sido vítimas desse delito, conforme pode ser conferido pela Figura 5. Quanto ao autor da ameaça, percebeu-se que a prática se dá principalmente por colegas de escola, seguido por pessoas de fora da escola. A escola pública 1, de classe social “C”, apresentou um percentual mais significativo deste tipo de ameaça. É importante salientar, ainda, que na escola privada de classe social “A”, foi mencionado caso de ameaças advindo de professores.

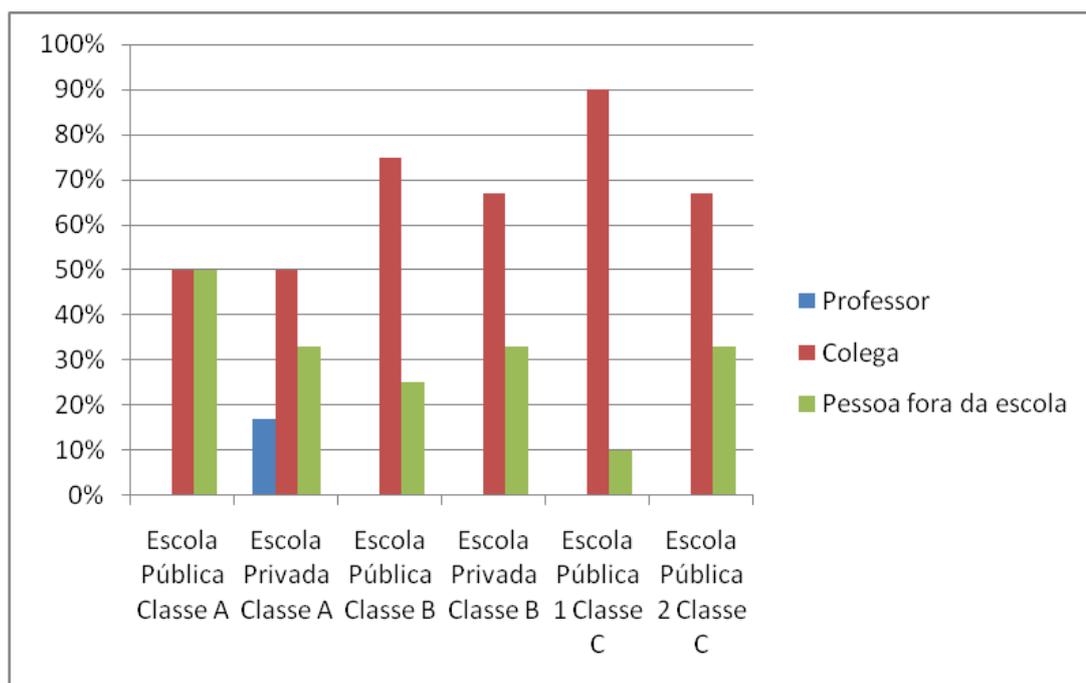


Figura 5 – Percentual de ameaças e seus autores.

Fonte: Autoria própria, 2010.

Conforme fora apresentado anteriormente, um dos questionamentos realizados dizia respeito ao fato dos alunos já terem, ou não, presenciado alguém armado na escola. Foi considerado “arma”, todo objeto capaz de ferir outro indivíduo, contemplando armas brancas (facas e canivetes) e armas de fogo (pistola e revólver). Causou certa surpresa a constatação de que foram avistadas pessoas armadas em todas as escolas, com maior frequência na escola privada de classe social “A”, seguida pela escola pública de classe social “B”.

Outros fatores considerados no questionário diziam respeito à segurança no caminho percorrido pelos alunos desde sua casa até a escola. Na maioria das escolas, os alunos se sentem seguros nesse trajeto.

De igual sorte, os estudantes se sentem seguros dentro das escolas, sejam elas públicas ou privadas, nos diferentes bairros pesquisados. Sobre essa questão, observou-se que os alunos se sentem mais seguros em instituições privadas do que nas escolas públicas. Por exemplo, na escola pública 2, de classe social C, constatou-se o menor índice de segurança (36%) enquanto que a escola privada, de classe social B, apresentou um índice de 100%, ou seja, todos os alunos pesquisados se sentem seguros.

Outro fato analisado através da percepção dos alunos e vinculado aos anteriores, deu-se em relação ao policiamento nas proximidades das escolas. Somente a escola privada, de classe social B, e a escola pública 1, de classe social C consideram o policiamento bom. Os alunos das demais escolas o consideraram ruim.

Já com relação à confiança dos estudantes na polícia, observou-se um grande descrédito pela polícia nas diferentes escolas e nas diferentes classes sociais. É interessante observar ainda que, como pode ser visualizado na Figura 6 a seguir, nas classes sociais B e C o índice de rejeição foi bem maior do que na classe social A.

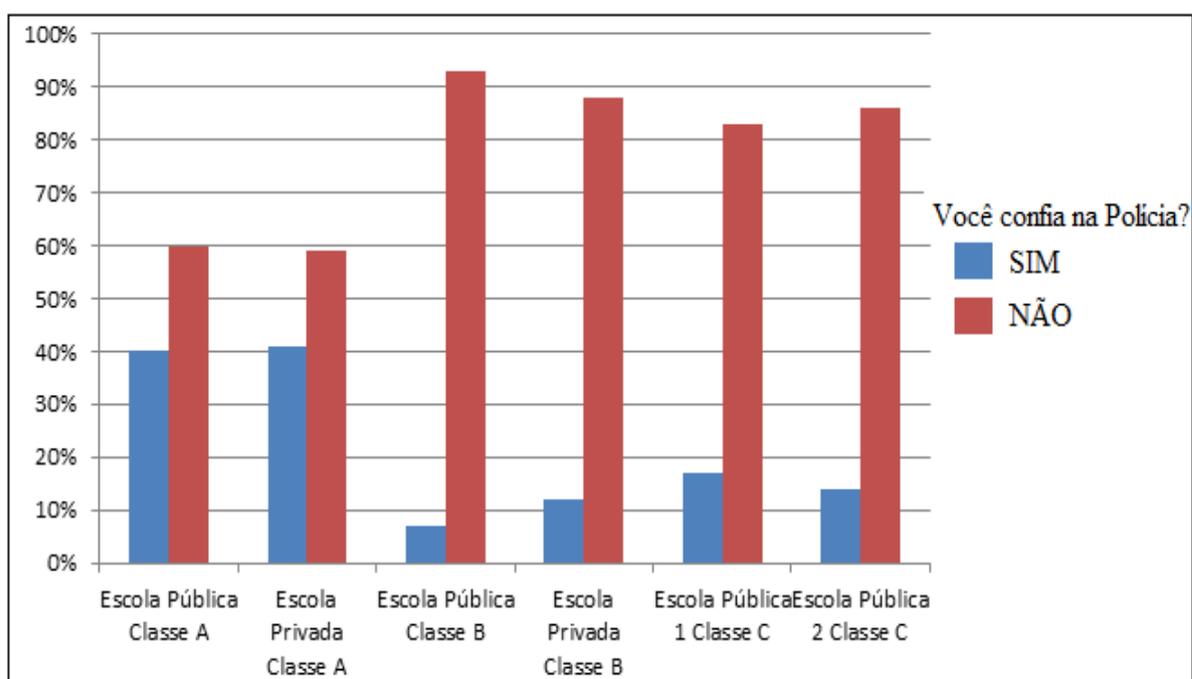


Figura 6: Percentual de confiança de alunos na polícia.

Fonte: Autoria própria, 2010.

4 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A análise dos dados coletados evidenciou que as diferentes formas de violência, assim como a intimidação (*bullying*), estão presentes em todas as escolas que participaram da pesquisa. Assim, tanto nas escolas públicas quanto nas privadas e tanto em bairros pobres quanto em bairros mais abastados, a violência se faz presente.

Talvez, como decorrência da situação acima, averiguou-se que a segurança pública não recebe a confiança da comunidade escolar. Tal constatação torna-se, no mínimo, preocupante.

Através dos dados obtidos, inferiu-se que não existe classe social mais ou menos protegida da violência. Em decorrência, há um anseio pela busca de alguma forma de proteção por parte dos entrevistados.

Seja como for, de acordo com os resultados obtidos, percebe-se que a violência não respeita classe social, ou, em outras palavras, pode-se dizer que não é a pobreza que causa a violência. É claro que se trata de uma constatação baseada em dados isolados, de uma cidade que compõe a Região Metropolitana de Porto Alegre. Todavia, supõe-se que estes dados devam ser repetidos em outras cidades brasileiras, o que merecerá novas inferências assemelhadas.

Quanto ao *bullying*, presente em todas as escolas avaliadas no estudo, é certo que esta prática que interfere no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emocional dos alunos. Este tipo de violência além de favorecer o surgimento de medo e insegurança nas escolas, tanto para aqueles que são alvos como para os que assistem calados às mais variadas formas de ataques, pode interferir na vida futura dos cidadãos. O baixo nível de aproveitamento, a dificuldade de integração social, o desenvolvimento ou agravamento das síndromes de aprendizagem, os altos índices de reprovação e evasão escolar, podem ser consequências do *bullying*.

Finalmente, no que diz respeito à desconfiança demonstrada pela comunidade escolar em relação à força policial, tem-se que esta advém de um pré-julgamento baseado em fatos históricos em que a polícia era tida como força repressora da sociedade. Muitas opiniões foram formadas a partir de uma determinada época em que a ação mais enérgica da polícia foi utilizada como solução frente às transformações principalmente políticas de um período histórico brasileiro. Hoje em dia, quiçá por notícias veiculadas pela mídia, ao demonstrar mais enfaticamente ações mal sucedidas dos órgãos de segurança, a antiga desconfiança persiste. Do mesmo modo, a corrupção existente nesses órgãos, igualmente ressaltada pela mídia, coloca em xeque o verdadeiro papel da polícia.

Para se pensar numa sociedade menos violenta, é necessária uma mudança drástica na forma de se pensar o problema. Certas atitudes devem ser adotadas para uma efetiva transformação dessa realidade.

Com relação à questão violência-classe social, os resultados obtidos conduzem à ideia de desmistificar um preconceito existente, de que a violência se dá onde a classe social é mais baixa. Os resultados obtidos apontaram ao fato de que, ao menos para o município de São Leopoldo, a violência não está relacionada à classe social.

Em relação ao *bullying*, tem-se que sua causa está relacionada especialmente pela omissão das escolas, do governo e da família. Neste sentido, sugere-se uma maior intervenção das direções das escolas nos atos ocorridos no âmbito escolar, uma vez que estas parecem esquivar-se desta função. Também se faz necessário a disponibilização de espaços pra debater o tema. Os governos, por sua parte, deveriam dispor de políticas educacionais de orientação frente à problemática, capacitando o corpo docente para intervir nessas questões, inclusive na formatação dos conteúdos a serem ministrados. Os pais, por sua vez, devem manter-se próximos à realidade escolar de seus filhos, evitando, assim, que sofram com esse tipo de exclusão.

No que diz respeito à polícia, propõe-se que a mesma adote procedimentos adequados, a fim de que a sociedade sinta o comprometimento com o seu trabalho, resultando em confiança e respeito. Certos programas, como o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD, praticado pela Brigada Militar do Rio Grande do Sul em escolas da rede pública estadual, têm obtido sucesso no combate ao consumo de drogas em escolas (BM, 2012).

Ações como as apontadas certamente não resolveriam o problema da violência nas escolas. No entanto, a dedicação e o comprometimento de cada órgão responsável, além da sociedade em geral, por certo amenizariam os altos índices de violência e reduziriam os atuais índices vivenciados pelo município de São Leopoldo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BM – Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD. Disponível em <http://www.brigadamilitar.rs.gov.br/Estrutura/proerd/index.html>. Acesso em 05 Jun 2012.

BRUNET, J. F. G et al. A. **Ensaio para Fatores Preditivos da Violência na Região Metropolitana de Porto Alegre**. FEE, 2007. Disponível em: [www.fee.tche.br/4-encontro-economia .../historia-sessao1-2.doc](http://www.fee.tche.br/4-encontro-economia.../historia-sessao1-2.doc). Acesso em 05 Jun 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia**. Cad. Cedes: Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005.

CHESNAIS, Jean Claude. O aumento da violência criminal no Brasil. **Justitia**, São Paulo, v. 59, n. 177, p. 18-45, jan./mar. 1997. Disponível em: http://bdjur.stj.jus.br/xmlui/bitstream/handle/2011/22820/aumento_violencia_criminal_brasil.pdf?sequence=3

DAHLBERT, Linda L.; KRUG, Etienne, G. **Violência: um problema global de saúde pública**. In: http://www.scielo.br/pdf/cscv11s_0a07v11s0.pdf. Acesso: 19/07/2012. p.1163-1178

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HENNINGTON, E. A.; MENEGHEL, S. N.; BARROS, F. S.*et al.* **Mortalidade por homicídios em Município da Região Sul do Brasil, 1996 a 2005**. *Rev. bras. epidemiol.*, set. 2008, vol.11, no.3, p.431-441. ISSN 1415-790X.

OMS. **Violência**. Disponível em: <http://www.who.int/topics/violence/es/>. Acesso em: 05 jun. 2010.

REBÉS, E. G. **Violência na escola: dados de Uruguaiana/RS**. Diss. (Mestrado) – Faculdade de Educação, PUCRS. 2000. 120 p.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ROSA, R.R. **Perfil vitimológico dos homicídios dolosos em São Leopoldo, de 2003 a 2007**. Trabalho de conclusão de curso, UNISINOS. 2009. 79p.

SANTOS, Ana Rocha. **Conversa com quem ensina geografia**. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor (org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. V. 2. Porto Alegre: Penso, 2011.

PMSL-SEPLAN PMSL - PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO - **Secretaria Municipal de planejamento e Coordenação – Seplan**. Disponível em https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/home/showpage.asp?user=&id_CONTEUDO=1416&codI

D_CAT=21&imgCAT=&id_SERVICO=&categoria=Cidade. Acesso em: 04 de junho 2012.

PMSL - PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO. Disponível em:<<http://www.saoleopoldo.rs.gov.br>>.

SEC – Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul. **Estabelecimentos de Ensino - RS 2010**. Disponível em [http://www.educacao.rs.gov.br/dados/estatisticas_estabs_2010 .pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/estatisticas_estabs_2010.pdf). Acesso em: 04 de junho 2012 (a).

SEC – Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul. **Professores em Exercício (em Sala de Aula) - RS 2010**. Disponível em [http://www.educacao.rs.gov.br/dados/estatisticas_prof_2010 .pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/estatisticas_prof_2010.pdf). Acesso em: 04 de junho 2012 (b).

Arlindo Weber de Oliveira é Geógrafo, mestrando em Educação no Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, em Canoas, RS, e Professor da Escola Sagrado Coração de Jesus. Contato: arlindowoliveira@yahoo.com.br.

Paulo Roberto Fitz é Geógrafo, Especialista em Geografia Ambiental, Mestre em Sensoriamento Remoto e Doutor em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental. Atualmente atua como Professor e Pesquisador do UNIRITTER.

Contato: paulo.fitz@gmail.com